



18. Domingo depois de Pentecostes - (03.10.04)

Próprio 22

1ª leitura (Antigo Testamento) – Habacuque 1.1-6 (7-11) 12-13; 2.1-4

Habacuque, juntamente com Sofonias e Naum representa a profecia no período de transição ou crise internacional pelo declínio de Assíria e a ascensão do império neo-babilônico. O profeta exerceu seu ministério até a queda de Jerusalém. Ele se colocou firme na tradição profética, e fez críticas severas à ausência da justiça nos setores políticos, econômicos e judiciários no reinado de Jeroboão II. Com outros profetas, ele predisse o fim dessa sociedade.

O livro passou por várias mãos até chegar a nós, por isso, "fazer a leitura de Habacuque é entrar num texto de várias vozes". (Nota introdutória da TEB).

O Livro começa com o clamor dirigido a Deus – "Até onde, até quando?" É a forma de lamentação, que se encontra, por exemplo, nos Salmos 13.1; 62.3. A queixa perante Deus é a invisibilidade da justiça e a gritante visibilidade da violência (vs.2). E ele clama por salvação. A resposta divina vem na forma do surgimento do poder caldeu (vs.6). Ele será instrumento de punição do poder corrompido. No entanto, o profeta percebe nos eventos e instrumentos da correção do poder iníquo alguma coisa que contradiz sua paixão pela justiça. Nem simples correção do poder nem violência por violência é o que Habacuque deseja. Aí vem seu questionamento e a sua intercessão, (vs12-17). Como pode se coadunar a pureza de Deus e a iniquidade dos poderosos? Como os membros da nação chamada por Deus podem ser arrancados pelos pagãos? Há quem considere impensável dirigir-se a Deus dessa forma. Porém a Bíblia é testemunha dessa liberdade concedida às pessoas para assim clamar a Deus.

A esse questionamento Deus responde nos termos de 2.1-4, uma resposta que se tem na situação, com oração e sofrimento.

Quem é fiel e crê na justiça de Deus, quem confia na promessa divina, questiona os desmandos dos iníquos perante Deus. Os comentaristas entendem que o iníquo é o chefe do poder caldeu destruidor. Esse poder pelo poder, sem a sensibilidade para com o humano e com o convívio pode destruir outros poderes e se inchar de arrogância. Mas não prevalecerá. E o justo viverá pela fé, isto é, confiando que Deus fará o que é justo e Ele reinará. Aí está o núcleo da mensagem do Livro. A fé como entende o profeta e o Novo Testamento (principalmente, em Romanos 1.17; Gálatas 3.10-11; e Hebreus 10.32-30) é uma relação de confiança voltada para a esperança e não a uma verdade que se expressa mais em termos de relacionamento dinâmico. (ST)

2ª leitura (Epístola) - II Timóteo 1. (1-5) 6-14



Quais seriam as últimas palavras de um homem se ele acreditasse que seu fim seria iminente? Quais as últimas recomendações de uma pessoa como essa para alguém que lhe fosse próximo com um filho? Pois bem, no texto da Epístola de hoje estamos diante de uma passagem na qual Paulo, prestes a ser julgado por causa de sua fé, instrui seu “filho na fé” Timóteo, sobretudo aquilo que é necessário ter e saber para se enfrentar uma vida de ministro do Evangelho. Timóteo, por sua vez, certamente não recebeu esta carta como uma missiva qualquer, mas como a expressão do último desejo que alguém que respeitava, que admirava e que considerava como um verdadeiro pai. É importante perceber, portanto, que o texto que estamos lendo era considerado pelos dois, como um texto derradeiro, final, que continha as últimas instruções de um ministro já idoso e experiente para seu filho jovem e ainda inexperiente no ministério pastoral. Qual seria o teor desta carta? Quais seus grandes temas? Qual sua atmosfera? Pensando nisso, mediremos hoje sobre o seguinte tema: **Uma herança preciosa para um jovem ministro.**

Uma herança preciosa para um jovem ministro inclui, em primeiro lugar, um Estímulo constante. (v. 6). Para muitos ministros no fim de carreira, ou mesmo ainda na metade da vida, o desânimo já é uma realidade. Sem querer fazer referência às várias possíveis causas que tem levado muitos ministros a uma situação de completo desânimo com o ministério, e até de abandono, o texto de hoje começa nos fazendo pensar naquele momento primeiro em que nós, ainda jovens, dedicamos nossas vidas a Deus e a um propósito quem julgávamos estar a cima de tudo e de todos, o dia de nossa ordenação. As palavras de Paulo são reveladoras. Ele começa dizendo “reavivar o dom que há em ti”. “Reavivar” não quer dizer que o dom está morto, mas que precisa “reacender”, ou seja, como as brasas de uma fogueira, precisam ser mexidas de vez em quando, assim também nós precisamos constantemente “estimular” o “dom”, ou seja, o carisma que Deus nos deu para o bem de sua Igreja. O verbo no presente do infinitivo ressalta ainda mais a necessidade de se mover constantemente as brasas de nosso ministério, para manter a chama acesa. A referência à imposição das mãos, já nos mostra que Paulo está se referindo aqui à ordenação, e que ela já era vista como um momento em que uma graça positiva é transmitida para o desempenho de uma função específica. Muitos ministros já se esqueceram do fervor que existia em seus corações no dia de sua ordenação. Mas a palavra de Paulo é uma tentativa de “mexer a brasa” e procurar reascender este calor afim de que, mais uma vez, nos sintamos úteis para a edificação do Corpo de Cristo.

Uma herança preciosa para um jovem ministro inclui, em segundo lugar, uma Admoestação firme. (v. 7, 8). Logo depois de fazer referência à ordenação, Paulo nos diz que algo muito importante ocorreu naquele momento da “imposição das mãos”. Segundo ele, naquele momento recebemos um “Espírito” de poder, de amor e de moderação, e não de covardia. O que Deus nos “deu” – o verbo no aoristo faz referência à cerimônia de ordenação – faz referência a uma ação especial do Espírito Santo em nós nos capacitando a exercer nosso ministério. Esta habilidade tem a ver com o exercício do “poder” (dynamis) para proclamar a verdade de Deus, mas também faz referência ao amor (ágape) para consolar aqueles que sofrem (especialmente os encarcerados) e à moderação (sofronismós) que é a disposição de uma mente sábia em ação. Tudo isso nos faz vencer a vergonha ou o medo, ou seja,



a rejeição ao testemunho em função da perseguição social que ele provoca. Devemos lembrar que Paulo estava aprisionado em um calabouço e ser associado a um tipo de homem como este significava ser mal visto pela sociedade. Era natural sentir, pois, vergonha. Mas a argumentação de Paulo é clara. Habilitados pelo Espírito Santo, portanto, podemos vencer a vergonha e nos tornar participante dos sofrimentos daqueles que testificam (v. 8) a favor do Evangelho.

Às vezes nos afastamos daqueles que têm uma reivindicação justa e legítima simplesmente por vergonha ou medo de sermos identificados com eles e de sofrerem algum tipo de discriminação. Sei de ministros que galgaram altos escalões no poder político e que, em função disso, não se aproximam mais daqueles que são vistos com desprezo ou com indignação pelos poderosos. Eles sentem "vergonha" de se aproximar de pessoas assim. É isso que Paulo está, no fundo, criticando aqui.

Finalmente, uma herança preciosa para um jovem ministro inclui, em terceiro lugar, uma Lembrança inabalável. (v. 13, 14). Realmente acreditando que poderia morrer (v. 12) Paulo encerra esta passagem na qual expõe quase que como um testamento para seu filho Timóteo, fazendo referência à manutenção de um "padrão das sãs palavras" e de um "bom depósito". O que significariam estas duas frases? Normalmente estas palavras são identificadas com um corpo doutrinário ou com um credo que deveria permanecer imutável na Igreja. Mas algumas considerações precisam ser feitas aqui. Em primeiro lugar, esta carta, caso aceitemos sua origem paulina – e portanto sua confecção ainda no primeiro século – teria sido escrita em um momento em que a Igreja ainda não tinha fixado de forma plena e final sua doutrina. Em segundo lugar, quando Paulo fala em um "padrão das sãs palavras de que mim ouvistes", é importante perceber que por "padrão" (hypotyposis) ele "denota um esboço geral ou planta usado por um artista, ou, na literatura, um rascunho que forma a base de uma exposição mais plena". (Kelly) Ou seja, ele se refere a um esboço ou modelo "são" pelo qual Timóteo deve se guiar (II Tm 2: 2) em relação aqueles cuja linguagem e ensino corrói como um câncer (2: 17, 18). Finalmente, quando ele fala em um "bom depósito", é preciso que se resguarde sua verdadeira intenção. A vontade de Paulo, exposta aqui, é de que Timóteo guarde o "puro Evangelho", no seu sentido mais amplo, ou seja, as palavras que ele recebeu de seu pai na fé, em meio a tantas doutrinas erradas e tantas distorções da verdade. É bom que se diga que o Evangelho da graça de Deus, manifestado no seguimento de Jesus – e não doutrinas que foram elaboradas posteriormente – deve ser identificado com o "núcleo fundamental da fé". Este compromisso com Jesus se realiza em lugares e tempos diferentes, e se expressa, em cada tempo e em cada lugar, por meio de formulações doutrinárias próprias que chamamos *tradição*. Ora, a verdadeira *tradição* procura garantir que o núcleo fundamental da fé se concretize em cada uma destas diversas encarnações históricas. Uma vez que estas encarnações estão sempre sob as determinações temporais e locais, nós, hoje, somos também desafiados a, enriquecendo a *tradição*, responder ao núcleo fundamental da fé em nosso contexto histórico/temporal próprio.

Para encerrar, temos que guardar algo fundamental. Este texto não trata da perda ou do abandono da fé. Não é um lamento de quem está prestes a morrer por causa de seu compromisso com Deus. Ele é um texto que procura estimular os



ministros a reanimar seu chamado, a reassumir as conseqüências deste chamado e a reinterpretar este chamado em cada momento da nossa vida. que sejamos capazes de sempre reavivar o dom que Deus nos deu, para sua maior glória. (JLFA)

Santo Evangelho - Lucas 17.5-10

“Aumenta a nossa fé...” Essa petição tem como o pano de fundo a estória do Lázaro e o rico insensível e, também, o aviso contra o perigo de escandalizar os pequeninos na fé, a exortação para perdoar sempre, (ver vs.1-4) Na caminhada cristã há armadilhas para o pecado. O ai é dirigido aos que pretendem conhecer mais do que outros. Os pequeninos são aqueles que se encontram atrás da figura da ovelha perdida, filho esbanjador, a moeda perdida e Lázaro.

Vs.5 - Diante do que ouviram de Jesus, os apóstolos sentiram-se frágeis e pediram-lhe que acrescentasse mais fé ao que já tinha. E a resposta foi abrupta. A fé não é alguma coisa a ser quantificada para mais ou para menos. É uma relação de confiança com o que Deus faz em Jesus. É a abertura ao poder de Deus. Arranca-te daí e planta-te no mar. Não se faz uma coisa como plantar uma árvore, no mar. Então, a confiança nesse poder realiza as coisas além da expectativa normal das pessoas.

Vs 7-9. O foco de atenção vai numa outra direção. É uma outra parábola. Os discípulos fazem o trabalho do Senhor por amor, realizam o que deles se espera. Há algo de humor: Quem vai dizer ao seu escravo: eu preparei para vocês o jantar? Quem vai agradecer a quem fez o que deveria ter feito? Espera-se que os ouvintes respondam: ninguém. É assim que o mundo está organizado! Para quem é sensível à questão do relacionamento entre o Evangelho e as instituições iníquas, o não-questionamento da existência da escravatura na parábola é um tanto perturbador. No entanto, o Novo Testamento nos apresenta o Senhor identificando-se com os escravos, servos e até invertendo os papéis como, por exemplo, em Lucas 12.35ss; 37; 22.25,27.

Vs 10. É possível que Jesus tenha dito estas palavras aos ricos fariseus que tinham servos ou escravos. Se vocês agem como o humor acima, como podem esperar a recompensa por fazer o que deve fazer?

Aos discípulos Jesus estaria dizendo: tomem cuidado com o fermento dos fariseus, não sejam contaminados, não ajam como eles.

Com essa nova imagem do ser humano, a figura de quem serve ao Senhor estaria dizendo que a vida realmente rica é aquela que se considera dom surpreendente de Deus e que Deus não deve nada a nós.

Há convergência entre as três leituras em torno da confiança na fidelidade de Deus e da fidelidade da proclamação da Boa Nova de que as pessoas e a Igreja têm sua verdadeira existência no relacionamento de confiança na promessa de Deus em Jesus Cristo. (ST)